

*Pra que
serve a
literatura?*



*Pra que
serve a
literatura?*



FICHA TÉCNICA:

2013. Instituto Ecofuturo

2ª Edição.

Tiragem: 7.000 exemplares

Concepção e Realização: Instituto Ecofuturo

Projeto Gráfico: Carol Sá Jamault, Ganzá Design

Ilustrações gentilmente cedidas por Aline Abreu e
autorização da Pingo é Letra.

Produção Gráfica: Laika Design

ISBN: 978-85-60833-09-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pra que serve a literatura?. - 2. ed. - São Paulo : Instituto Ecofuturo, 2013.

ISBN 978-85-60833-09-2

1. Crianças - Livros e leitura 2. Educação de crianças 3. Hábitos de leitura 4. Leitura 5. Literatura infantil 6. Livros e leitura.

13-07725

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Leitura e literatura infantil : Formação de leitores : Educação 370

EQUIPE INSTITUTO ECOFUTURO:

Daniel Feffer, Presidente

Marcela de Macedo Porto Mello, Superintendente

Christine Castilho Fontelles, Diretora de Educação e Cultura

Paulo Groke, Diretor de Meio Ambiente

Alessandra Avanzo Figueroa, Coordenadora de Comunicação

Edmar Moraes Barros Junior, Coordenador Financeiro

Guilherme Rocha Dias, Coordenador do Projeto Parque das Neblinas

Rachel Barbosa Carneiro de Sousa, Coordenadora

de Desenvolvimento Institucional

Iran Oliveira Reis, Contador

Crisangela Ayazian Martins, Analista de Desenvolvimento Institucional

Daniele Juçaba, Analista do Programa Ler é Preciso

Julia de Lima Krahenbuhl, Analista de Projetos

Marina Franciulli Santos, Analista de Comunicação

Maurício de Alcântara Marinho, Analista de Projetos

Michele Cristina Martins, Analista de Projetos

Palmira Petrocelli Nascimento, Analista do Programa Ler é Preciso

Regiane Basso, Analista Contábil

Renato Guimarães de Oliveira, Analista Administrativo Financeiro

Vanessa de Jesus Espindola, Analista do Projeto Ler é Preciso

Alexandre Oliveira da Silva, Assistente de Manutenção

Luciani Oliveira Santos, Assistente Administrativo

Thais Moreno Soares, Assistente do Projeto Ler é Preciso

Cléia Marcia Ribeiro de Araújo, Auxiliar Administrativo

Marcos José Rodrigues do Prado, Auxiliar de Manutenção e Manejo Florestal

David de Almeida Santos, Guarda-Parque

Marcelo Lemes de Siqueira, Guarda-Parque

Marcelo Rogério de Santana, Guarda-Parque

Maurício Rodrigues Prado, Guarda-Parque

Ricardo Silva de Souza, Guarda-Parque

Mariana Limeira, Estagiária do Programa Ler é Preciso

Mayra lafelix Ferreira, Estagiária do Programa Ler é Preciso

CONSELHO DIRETOR:

Daniel Feffer

David Feffer

Jorge Feffer

Antonio dos Santos Maciel Neto

Jacques Marcovitch

Murilo César Lemos dos Santos Passos

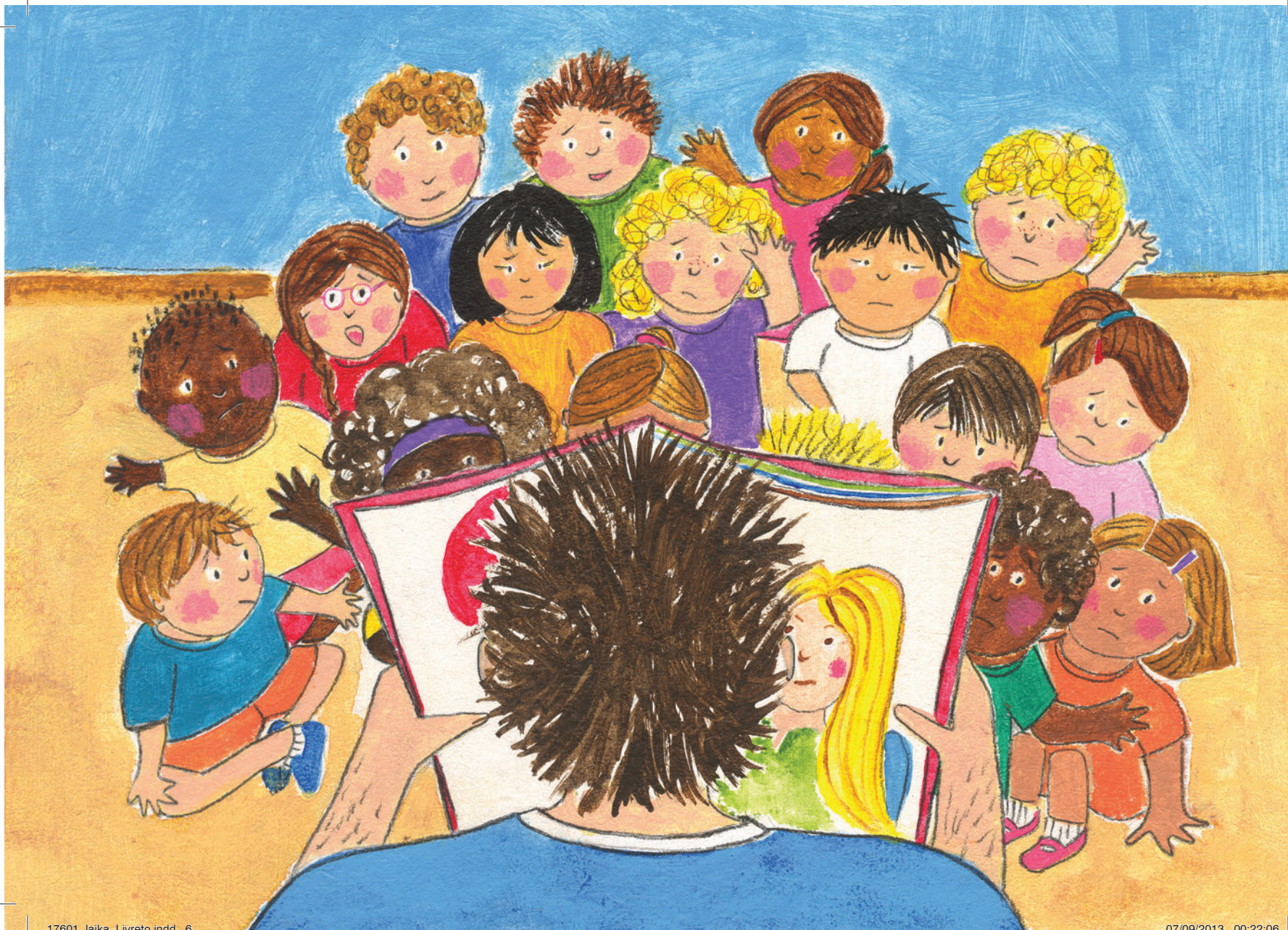
Claudio Thomaz Lobo Sonder

Walter Schalka



Índice

Literatura desde o berço Maria Betânia Ferreira	9	A formação de leitores pela fala e pelas páginas impressas Betty Mindlin	22
Traduzindo o Mundo Paulo Bloise	12	Festa da Palavra Ana Maria Machado	24
Leitura e liberdade Yves de La Taille	14	Experimente e nos conte depois Elizabeth D'Angelo Serra	26
Para além do certo de ler: duas histórias de criança e leitura Luiz Percival Leme Britto	16		
Nem infância sem livro nem dia sem ramo de flor Nilma Lacerda	18		
Arejando palavras: linguagem, literatura e leitura Lucila Pastorello	20		



Pra que serve a leitura de literatura?

“Dá para imaginar que, por maiores e mais avançados que sejam os recursos contemporâneos de transmissão da informação, uma educação de qualidade pode se dar ao luxo de dispensar a leitura de literatura, ou de ter dúvidas sobre a sua importância, ou de ficar discutindo em círculo sobre as diversas firulas que podem (ou não) caracterizar métodos de se chegar lá? Ou entendemos que não há educação sem leitura e nos alarmamos com a situação brasileira, ou estamos perdidos” (“Balaio”, de Ana Maria Machado, Editora Nova Fronteira, p. 168)

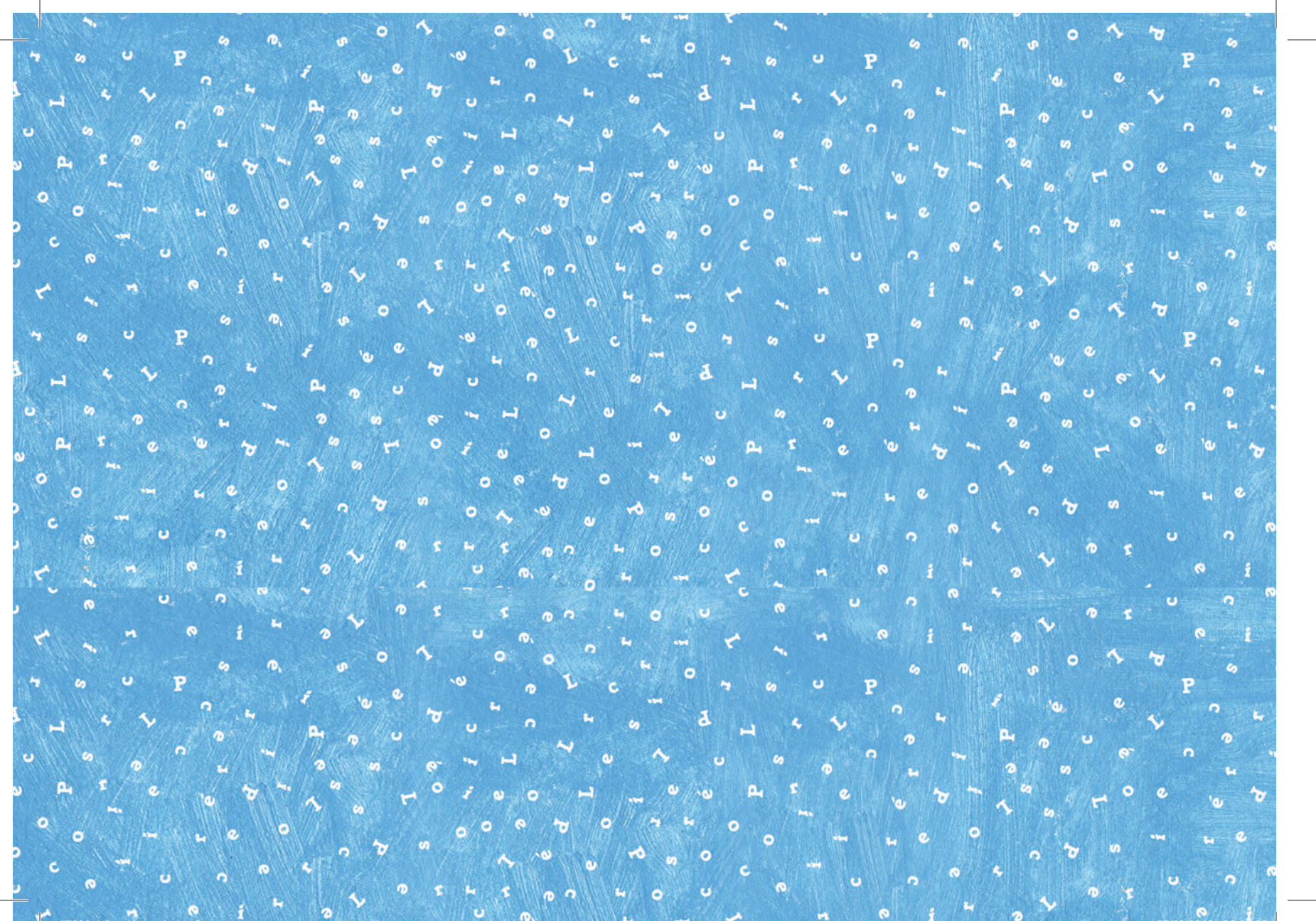
Já faz alguns anos que propomos e implementamos iniciativas para reforçar e facilitar a leitura por toda parte, a leitura compartilhada, o acesso à leitura, a leitura em voz alta, a leitura com prazer, a leitura como direito, a escrita para virar leitura. Desta vez, nosso foco é literatura desde o berço, e temos bons motivos para ter feito essa escolha.

Daí convidamos 9 educadores e pesquisadores para escrever o que descobriram e desenvolveram a partir de sua área de estudo e atuação, e também em sua vida pessoal com relação a esta pergunta: “Por que é importante ler literatura desde a primeira infância?”.

Boa Leitura!

— Christine Castilho Fontelles
Diretora de Educação e Cultura

Pra que Serve a Literatura? 7



Literatura desde o berço

Um belo dia, ao preparar o banho do meu neto Tom, então com dois anos e meio, recém-promovido ao posto de irmão mais velho com o nascimento da irmã, me cai a ficha do efeito da literatura desde o berço (que eu sempre sentira, mas nunca esmiuçara). O **piá** me olha muito sério e **profere** a seguinte frase, com todos os efes e erres: «De agora em diante, certas coisas vão mudar em minha vida: haverá o banho do bebê com a mamãe, é claro, e depois o meu banho com... com a vovó!». Algum tempo depois, o moleque desce a escada no momento em que acendo a luz da cozinha, e declara, com a ênfase de um criador: «E fez-se a luz».



Maria Betânia Ferreira

Educadora, tradutora, leitora e escrevedora contumaz de textos e situações. Para ela, Pingo é Letra.

Você adivinhou: frases de livros lidos em voz alta pelos adultos. Não é repetição pura e simples, não: quando uma criança usa uma frase de livro num momento em que ela cabe direitinho e faz alterações para encaixá-la em uma experiência real, está mostrando que descobriu a magia de beber com os ouvidos e, mais tarde, com os olhos (ou com as mãos) a memória da aventura humana contida no pote da literatura. Mais: descobriu que essa memória lhe **pertence**. Pertence-lhe, de pleno direito, a luz das palavras que se abrem em 130 milhões de livros já publicados.

Nesses livros, há palavras e palavras. Um apontam, explicam, informam, esclarecem, orientam, classificam, enfileiram, convencem, formam. São palavras didáticas que se destinam a conduzir o leitor a um ponto estabelecido pelo autor. Outras são

abre-te-sésamo: escapam do papel e dançam, espalham poeira de estrelas, **pirlimpimpins**, e lá se vai o leitor, momentaneamente **alforriado** do trem cotidiano. Essas palavras danadas de boas são as palavras da literatura.

É o estado da arte da palavra escrita: os escritores entalham realidades com palavras, em infinitas dimensões, para entender-se com seus leitores. Clarice Lispector explicou: “Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos. (...) Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”.

Tudo pode começar com uma voz querida que chega à orelha não com instruções nem com explicações, mas com cigarras que dialogam com formigas, bolsas amarelas que guardam coisas estranhas, meninos maluquinhos, meninas de nariz arrebitado que se casam com peixes, casas sem muros com segredos amarelos, coisas de arrepiar, panos vermelhos e balões que dão a volta ao mundo. Até que aprenda a ler por si mesma, é pela voz de alguém que lê em voz alta que a criança vai usufruir do tesouro que lhe cabe por direito.

Cada página literária vai preenchendo dentro do pequeno leitor/ouvinte uma arca de ideias, paisagens, ardis, singelezas, bondades, encantamentos, sustos, indignações, ternuras – os ingredientes da aventura humana na Terra.

Cada página literária é um tributo à inteligência, à sensibilidade e à capacidade que as pessoas têm de entender a si e aos outros e de compartilhar. Quem lê/escuta um

Piá: Menino, no Rio Grande do Sul; piá é a palavra da língua Tupi para “coração”, “estômago”, “entranhas”. Também designa índio jovem.

Profere: Proferir é dizer em voz e clara.

Pertencer: No sentido de “ser parte de”, “dizer respeito”, “ser devido ou merecido”

Abre-te sésamo: Palavras mágicas com que se abria a caverna do Ali Babá, no livro “As mil e uma noites”, certo mesmo seria em português “Abre-te gergelim”

Pirlimpimpins: Pó Mágico. A palavra vem do francês “pour le pinpin”, que significa para alguém muito crédulo.

Alforriado: Liberto, livre.

Estado da arte: O nível mais alto de desenvolvimento.

Menos burocrática, mais amorosa:

Palavras de Christine Fontelles

texto também lê/escuta a si mesmo, porque tem a oportunidade de descobrir-se e reconhecer-se nessa experiência que funde afeto, emoção, imaginação, memória, criatividade, lógica, razão e crítica.

Quer argumentos “educativos”? Lá vão eles: pesquisas de Krashen (1993) e Cunningham-Stanovich (1991) comprovaram uma relação significativa entre a quantidade de leitura livre fora da escola e o aumento do vocabulário, a compreensão ao ler, a fluência verbal e o raciocínio crítico. Quem lê independentemente se torna melhor leitor, tem notas melhores nas diversas matérias e retém mais conteúdos do que quem não tem o hábito de ler.

Cada página literária pega o leitor pela mão e o leva a passear, sem nada impor, pelo campo florido das questões fundamentais da humanidade – até mesmo dos erros, a coisa mais verdadeiramente humana dos humanos. A literatura enriquece pontos de vista; instiga a ouvir, a levar em conta e a dar valor à voz do outro; desperta a vontade de ultrapassar o próprio “mundinho” e alimentar-se de outras luzes. Um belo dia, quem sabe emerge uma percepção da vida “**menos burocrática, mais amorosa**”...

A voz da mãe ou do pai na cabeceira dos filhos é capaz de fundar um exército de leitores.

— Esteban Quiroz Cisneros, educador peruano.

Traduzindo o Mundo

Há poucos dias ocorreu-me um episódio que serve para expressar como a literatura infantil consegue tocar a criança e auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento.

Passávamos de carro por uma zona triste da cidade. Usuários de drogas largados no chão, jovens equilibrando-se com dificuldade nas calçadas. Íamos devagar, conversando. Minha mulher dirigia distraída e contava um caso. Gabriel, meu filho de seis anos, quieto no banco de trás. O farol fechou, figuras cinza como o entorno vieram em nossa direção. Não havia carros à nossa frente. Movido por uma sensação de vulnerabilidade que avançava pelas janelas, pedi para ela fechar o vidro. O tom saiu mais cortante do que devia. Ela continuava des preocupada, fiquei tenso com sua displicência e manifestei minha irritação.

Gabriel protestou:

— Para, pai!

Tentei justificar-me, mas ele foi preciso:

— Lembra do general falando do inferno? Você agora está como ele!

— Que história é essa?, minha mulher perguntou.

Enquanto minha animosidade baixava, resumi o conto infantil japonês que eu e meu filho havíamos lido juntos há uma semana.



Paulo Bloise é psiquiatra com residência e mestrado na Unifesp, onde fundou e coordenou o Ambulatório de Crise Psiquiátrica até 2007 e o Anthropos: Núcleo de Integração Mente, Corpo e Espiritualidade. Analista membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Escritor autor de: O Tao e a Psicologia (Angra); De Olho na Rua (Dimensão); Sobre Humanos (Moderna) e Surfando na Marquise (Cosac Naify) – livro finalista do Prêmio Jabuti de 2009. Organizador e coautor do livro Saúde Integral: a Medicina do Corpo, da Mente e o Papel da Espiritualidade (Editora Senac, no prelo).

— Um general famoso se aposenta e vai para as montanhas. Depois de dias caminhando com seu uniforme impecável, encontra um mestre zen e indaga se existe, mesmo, o céu e o inferno. O mestre olha-o com desinteresse e pergunta por que iria explicar isso a alguém vestido como um tolo. O militar fica irado e, espada em punho, parte para cima do mestre. “Está vendo? Essa é a porta do inferno!”, diz o monge. O general percebe seu descontrole, interrompe o movimento e humildemente pede desculpas pela agressividade. “E essa é a entrada do céu”, completa o mestre.

Estava ali, diante de nós, uma prova do poder da literatura dirigida à infância. Gabriel registrou o significado, identificou o “inferno da animosidade” no pai e ainda expressou seu desconforto, por intermédio da história.

O hábito da leitura aumenta o repertório das crianças, não apenas de palavras, mas de emoções assimiladas nas personagens literárias. “Vocabulário mesquinho, entendimento escasso”, resumiu Graciliano Ramos. O esforço da leitura desenvolve capacidades cognitivas como atenção e imaginação diferentemente de um filme, em que os conteúdos são recebidos já prontos. Os livros ajudam as crianças a reconhecer, dentro de si mesmas, monstros, príncipes e fadas que neles habitam. E as auxilia a inspirar-se na coragem de Pedrinho, na inteligência de Ulisses, ou a compreender que momentos de desânimo acometem até um herói como Aquiles.

O ritual das leituras diárias aumenta a habilidade da criança de exprimir-se sobre tudo o que a acomete, seja um pai estressado ou um canto assustador da cidade. A literatura ajuda a traduzir o mundo – ou a descobri-lo, como escreveu Clarice Lispector.

Leitura e liberdade

No final do século XIX, vivia na Rússia um menino pobre chamado Alexey. Seu entorno familiar e social era povoado de pessoas incultas, pragmáticas e violentas. Os únicos interesses delas eram bens materiais, religião e sexo, e elas castigavam severamente quem quisesse fugir desse estreito quadro de valores. Ora, o menino Alexey era justamente uma das pessoas que sufocavam nesse meio. Escreveu ele mais tarde: “Hoje ainda, quando evoco o passado, tenho dificuldade de crer que tudo foi realmente assim; há tanta coisa que eu gostaria de discutir e negar, pois a vida obscura de uma ‘raça estúpida’ é demasiadamente fértil em crueldade”.

Se Alexey pôde escrever e publicar um dia o trecho que acabo de transcrever foi porque, nesse mundo cruel e inculto, ele havia achado um refúgio. Havia ele achado alguém que o compreendesse e apoiasse? Não. Seu refúgio era a leitura! Seu refúgio eram os livros e as brochuras que, quando o deixavam em paz, ele avidamente lia escondido. O que lia? Qualquer texto que lhe caísse nas mãos, qualquer livro que conseguisse emprestado.

A leitura não foi somente um refúgio para escapar da “raça estúpida à qual ele se refere. A leitura foi também sua alforria em relação a esse mundo no qual livros eram vistos como inúteis e até suspeitos. Foi por intermédio deles que Alexey descobriu que o mundo é muito mais vasto que as estreitas fronteiras dentro das quais vivia.



Yves de La Taille é professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo na cadeira de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Moral. Entre várias publicações, destacam-se *Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas* (Porto Alegre, Artmed, 2006) – Prêmio Jabuti 2007 de Educação, Psicologia e Psicanálise e *Formação Ética: do Tédio ao Respeito de Si* (Porto Alegre, Artmed, 2009).

Graças a eles, observou que as ideias criadas pelos homens vão muito mais além da parca ideologia de seus pares. Com os livros, Alexey encontrou “amigos”, seja na figura dos autores, seja na figura das personagens por eles criadas, “amigos” esses que dilataram sobremaneira o seu universo. E, um dia, um pouco mais velho, ele resolve sair de casa e andar por esse mundo anteriormente descoberto pela leitura. E se tornaria ele mesmo escritor com o nome de Maxim Gorki.

Com a leitura pode-se ir a épocas nas quais não se pode mais viver. Com a leitura pode-se ir a lugares distantes e inatingíveis. Com a leitura entra-se em contato com pessoas que nunca serão conhecidas pessoalmente. E isso desde a mais tenra infância.



Para além do certo de ler: duas histórias de criança e leitura

A HISTÓRIA DE LEON E ANA

Ana é uma mãe apaixonada por histórias e por seu filho, Leon. E vive com ele experiências maravilhosas de ser e de ler. Uma recente foi com o sítio de Lobato. Os dois pegaram as Reinações e começaram. Leon, fascinado, não encontrou paciência de esperar a noite para que ela lesse mais um pedacinho. Tratou de ler sozinho e logo passou a falar dos personagens o tempo todo, a contar a história para as meninas que cuidam dele e para os amigos, e para a mãe, e para o pai. Todos os dias diz suas aventuras lobatianas. Apaixonado pelo sítio, espera com ansiedade a chegada dos outros livros de Pedrinho e sua turma, já encomendados. Outro dia, Leon lia durante o almoço. Ao ser repreendido por isso, explicou-se, inteiro e honesto: “Mas é que meu olho não resiste à letra!”.

A HISTÓRIA DE ALICE E VAL

Alice sempre sorri quando convidada para ler. Desde muito pequena, lê todas as noites com o pai. Uma vez, com oito anos, ouviu dele a explicação sobre ler com os olhos e ler com os ouvidos (quando outra pessoa enuncia em voz alta o texto para a gente que ainda não sabe as letras). Noutro dia, o pai, ocupado com uma visita, disse-lhe que fosse para a cama e que, se quisesse, lesse um pouco antes. Tinham co-



Luiz Percival Leme Britto é

linguista e educador, atuando principalmente no campo de educação e linguagem.

Seus trabalhos enfatizam a necessidade de uma educação escolar que transcenda os limites do cotidiano e o senso comum; destacam também o valor da leitura literária como processo de conhecimento e de indagação da condição humana, o que faz com que não se possa percebê-la como simples entretenimento ou instrumento de prazer. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Oeste do Pará.

meçado na noite anterior De olho nas penas, uma história da Ana Maria Machado, com que ela tinha se envolvido mais que normalmente. Ela vai, pega o livro, fica lá um tempo e, depois, volta e diz: “Val, eu estou tão cansada, me empresta seus olhos pra eu ler!”

Essas duas pequenas crônicas põem em evidência uma das muitas possibilidades da leitura que vão além de qualquer dimensão pragmática ou objetiva. Há nos gestos de Leon e de Alice a manifestação da leitura como mediadora das subjetividades e criadora de espaço de intimidade, de afeto, de interação. As crianças vivem, além das histórias dos textos, a incorporação do pai e da mãe em sua forma de ser. Ler, para elas, além de descobertas, é uma forma de fazer em sua vida a vida daqueles com quem se identificam e querem.

O desejo de Leon é o desejo da mãe (cuja atitude leitora é fazer das letras algo irresistível para olhos da criança); o desejo de Alice é o desejo do pai (que lhe empresta os olhos, que também não resistem às letras). Por isso, mais maravilhoso que o mundo de Monteiro Lobato e o de Ana Maria Machado é o mundo que, atravessado por esse maravilhoso, vivem Leon e Alice.

A literatura é grandiosa por ser isto: um lugar de transcendência do imediato e do utilitário, um lugar que permite que alguém se esqueça do que devia fazer e faça coisas erradas (como ler no almoço, o que pode prejudicar a visão e a digestão, ou não querer dormir e incomodar o pai ocupado com visitas) para indagar para além do certo.

Nem infância sem livro nem dia sem ramo de flor

Minha mãe me penteava. Cabelos ondulados. Devia doer. Meus cinco anos fulminaram com um tapa o pente na mão dela. Vermelha frente aos sogros, a autoridade ameaçada, ela fez outro tapa esquentar a mão rebelde. Quando se avizinhava a tempestade, eu abrindo o berreiro, minha avó correndo para proteger a neta, meu avô interveio: “Deixa, a mãe está certa. É de pequenino que se torce o pepino.”

Que frase mais repetida na crônica familiar. “Eu sou um pepino?” – devo ter perguntado.

Se não era, virei. E fui torcida desde pequena: cabelos penteados, mão comportada, corpo esguio, bem estaqueado para a planta produzir frutos mais bonitos, de aparência homogênea. Tão bem estaqueada fui, que me esparramei, alcancei outros terrenos, não parei de frutificar, multiplico-me em cascas lisas ou ouriçadas, de um verde feliz; por dentro, sementes e água, sou de vidro e alimento, como disse um menino a sua mãe.

Tinha algum tempo que eu desconfiava, mas só recentemente encontrei a informação: pepino precisa de abelha por perto para crescer. Conhece a história de que coco só dá água se estiver perto do mar? Pois pepino precisa de abelha para fazer a polinização cruzada, uma vez que suas flores são só femininas ou só masculinas. Tem agricultor que paga dono de apiário para botar suas abelhas a fabricar a crosta delicada da vida.



Nilma Lacerda é autora, entre outras obras, de *Manual de Tapeçaria* – Prêmio Rio de Literatura; *Viver é Feito à Mão/Viver é Risco em Vermelho*; *As Fatias do Mundo* – Prêmio Jabuti e Prêmio Orígenes Lessa, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY); *Estrela de Rabo e Outras Histórias Doidas*; *Pena de Ganso*; *Bárbara debaixo da Chuva*; *Sortes de Villamor e Cartas do São Francisco*; *Conversas com Rilke à Beira do Rio*, obra teórica vencedora do Prêmio Cecília Meireles, da FNLIJ.

Tradutora, ensaísta, doutora em Letras Vernáculas com pós-doutorado em História Cultural e autora de inumeráveis artigos científicos, é professora da Universidade Federal Fluminense. Desenvolve o projeto Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina, premiado com a bolsa Virtuose, do Ministério da Cultura.

A mão que me torceu garantiu também às abelhas. Como a saber que me dava destino de buscar água por via do sal, minha mãe reconheceu a menina à beira do eu, a ponto de dar salto para o mundo. Pensou no objeto mais precioso de todos para acompanhar essa travessia mais corajosa de todas. E, acreditando que inaugurava o mundo, nomeou: livro. Abençoou a palavra, considerou, em algum lugar, um parentesco entre ele e as abelhas. Por causa de cera e mel, talvez.

A lembrança dos primeiros livros em minha vida dá-se aí pelos sete anos, mas memória é coisa que tanto trai. O fato é que não me lembro de tempo sem livro, na minha infância. Nem depois.

Livro acompanhava cada inquietação, cada alegria, me oferecia personagens e casas, infinitos modos de viver e de perguntar o tempo de ontem e o de amanhã. Para poder escrever bem as horas de hoje.

Pepino bem torcido que fui, cresci fértil e recitei versos, engendrei narrativas para desembaraçar os cabelos de minhas filhas. Regozijada pela lição de avô e mãe, decidi cultivá-las desde cedo, cuidando das estacas, adubando a terra, corrigindo a acidez do solo. As filhas ainda no ventre, trouxe as abelhas para dentro de casa. E fabricamos jardins.

Não nos lembramos, as quatro, de tempo sem livros ou de dias sem ramo de flor.

Arejando palavras: linguagem, literatura e leitura

A linguagem humaniza. Pela linguagem podemos acessar a cultura, interagir com os outros, comunicar, educar e criar. Mas essa ferramenta poderosa é também delicada. A linguagem não é transparente, não é exata: ela se renova conforme a usamos, provocando sentidos diferentes. Apropriar-se da linguagem implica considerá-la em sua delicadeza, percebendo usos e combinações entre as palavras.

Palavras podem ser usadas de muitas maneiras. Os fósforos só podem ser usados uma vez.

— Arnaldo Antunes

Na linguagem cotidiana valorizamos a comunicação, mas não estamos livres de mal-entendidos. Para ser bom entendedor, é preciso estar atento: conhecer a instabilidade da palavra.

Nutrimos os bebês com palavras, apresentando-lhes o mundo. Logo de saída um alerta: “mama” pode ser mamãe ou mamar; “papá” pode ser comida ou papai. E então? Cantamos com as crianças, apresentamos adivinhas, parlendas, brincadeiras com as palavras. Oferecemos nossa bagagem da tradição oral: o alerta “não confunda” vem de boca em boca, de pai para filho, durante os tempos. Essa prática torna as crianças espertas, desconfiando sempre um pouco das palavras.



Lucila Pastorello é fonoaudióloga (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), mestre em Semiótica e Linguística Geral (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) e doutora em Educação (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Atua como fonoaudióloga clínica e assessora de linguagem e leitura em escolas, editoras e organizações de incentivo.

Autora de diversas publicações na área de saúde, linguagem e educação. Leitora pública com estágio de formação na Associação La Voie des Livres (Paris) e sócia fundadora da Companhia de Leitores Públicos, que realiza pesquisa, formação e apresentações de leitura em voz alta.

*...bola, papagaio e pião de tanto brincar se gastam.
As palavras não: quanto mais se brinca com elas,
mais novas ficam.*

— José Paulo Paes

Na atualidade é imprescindível apropriar-se também da linguagem escrita. É preciso ler, escrever, letrar-se. No entanto, a leitura que se valoriza no dia a dia é a leitura que permite o acesso à informação e à comunicação. É uma leitura necessária, mas o leitor crítico e transformador que estamos buscando deve também desconfiar das palavras: ler as entrelinhas, suspeitar um novo sentido. O que oferecer então para as crianças?

Uma ótima oferta é a literatura. O convívio sistemático da criança, desde muito pequena, com textos literários promove a apropriação da linguagem em toda a sua complexidade. Mas como ofertar? Além de ler para as crianças, desde sempre e para sempre, disponibilizar material de qualidade, comentar e brincar com os textos, é preciso trazer a literatura para perto de si, para casa, para nossa vida. A literatura não é paradidática; ela é a cúmplice, a companheira que diverte, emociona, atualiza nossas histórias pessoais. O texto literário dá poder ao leitor.

A literatura areja as palavras, faz animar a língua, criando novos sentidos. Com o sopro literário as palavras vão a outros lugares e cada leitor fica um pouco diferente, um pouco mais esperto, um pouquinho mais gente.

A formação de leitores pela fala e pelas páginas impressas

Imaginar outras vidas e outros mundos é a grande aventura de multiplicar a existência única que nos é dada e nela encontrar um sentido. Ouvir narrativas e seguir histórias desde a primeira infância é o aprendizado das palavras, o estímulo para criar, pela fala e pela escrita, e dominar com arte a linguagem. Mesmo uma pessoinha de dois anos segue com atenção o tom emocionado do que lhe for contado. Lembro de uma velha senhora, na cozinha de meu avô, desfiando para a criança analfabeta que eu era as histórias de fada e de trancoso, que eu reconheci mais tarde, quando aprendi a ler, apenas aos sete anos, nos Contos tradicionais de Luís da Câmara Cascudo e nos muitos volumes de histórias da carochinha que fui ganhando. Somados aos mitos gregos, que meus pais contavam antes de eu virar leitora voraz e que impressos se tornaram chão fértil do meu léxico familiar, desencadearam o amor desenfreado pela ficção e a curiosidade da leitura.

Rodeada de livros desde que nasci, com um pai para quem ser herói significava ser escritor, encontrei na tradição oral, em particular a dos índios brasileiros, uma literatura, sem letras ainda, mas a ser inscrita no papel, para atingir públicos longínquos. Quem tenta escrevê-la descobre como mitos inéditos, só pela voz transmitidos em muitas línguas, levam a países infinitos.

Escritores como Tolstói, Italo Calvino, Arguedas, Guimarães Rosa e tantos outros formaram-se na invenção narrada por quem não escrevia.



Betty Mindlin, economista e antropóloga, trabalha desde os anos 1970 em projetos de pesquisa e apoio a povos indígenas. Escreveu em coautoria com narradores indígenas sete livros de mitos, como *Moqueca de maridos* (Record, 1997), e ainda outros, como *Diários da floresta* (Terceiro Nome, 2006).



Os escritores verdadeiros devem ser, como meu pai talvez pensasse, seres mágicos nos quais mora uma espécie de fogo sagrado, porque fazem brotar o que não havia, mais real do que o que se considera que há. Mas os prazeres da leitura e da compreensão, a viagem que é conhecer, são também uma forma de escrever, aberta a todos, descortinando o que as línguas podem proporcionar para quem souber tratá-las com habilidade. Vale a pena começar desde o primeiro choro, quando as mães acalentam as crianças e lhes cantam baladas.

Festa da Palavra

Histórias que me contaram, histórias que me encantaram, livros que me formaram... Tudo isso se mistura quando analiso de onde vim. Mas a memória conservou tudinho, nos menores detalhes. Lembro-me das histórias sem livros que minha avó me contava, um tesouro de narrativas orais, do rico patrimônio de nossa literatura popular. Mas também guardo intactas as lembranças dos livros que meus pais liam para mim.

Bom, a bem da verdade, eu me lembro dos livros, das histórias e da voz deles a ler e mostrar as figuras. Mas com certeza a memória não guardou essas cenas da experiência inaugural, vivida quando eu era bebê, e sim da cena repetida mais tarde, com meus irmãos, pois sou a mais velha de uma ninhada de nove. Sempre vi meus pais contando histórias para nós, até que comecei a ajudá-los, compartilhando esse momento com os caçulas. Depois segui o exemplo, dividindo livros, narrativas e figuras com meus filhos, com meus sobrinhos, com meus netos. Desde muito cedo.

Me lembro de meu neto Henrique antes de fazer um ano, no meu colo, na hora de ir para o berço, escolhendo pela lombada o livro que queria aquele dia e que ele conhecia, distinguindo entre os que tinha em sua estante.

Me lembro de meu filho Pedro aos quatro ou cinco anos, a me pedir:— Mãe, hoje estou meio triste. Não quero história, quero poesia. Ou de Rodrigo aos três, ouvindo



Ana Maria Machado

Considerada uma das mais completas e versáteis autoras brasileiras, a carioca Ana Maria Machado é membro da Academia Brasileira de Letras. Pelo conjunto de sua obra como romancista, ensaísta e autora de livros infantis, ganhou o mais importante prêmio literário nacional: o Machado de Assis.

Entre seus outros prêmios destacam-se o Hans Christian Andersen (do IBBY), o Casa de las Americas e o holandês Príncipe Claus, além de três Jabutis. Exerceu intensa atividade como jornalista e professora, tendo dado aulas na UFRJ, na PUC-Rio, na Sorbonne, em Berkeley e Oxford. Escreve há mais de 40 anos e é publicada em 18 países.

pela enésima vez o mesmo capítulo de Reinações de Narizinho que ele exigia toda noite, e dando gargalhadas gostosas com as primeiras asneirinhas que a Emília diz quando aprende a falar.

São lembranças amorosas e afetivas. Muito fortes. Não sei teorizar sobre isso. Mas tenho certeza de que esse deslumbramento compartilhado e maravilhado, diante da possibilidade que as palavras têm de abrir mundos ilimitados e nos expandir até o infinito, deixa marcas profundas em quem conta e quem ouve. Elas nos fazem ir além do que somos, viver outras vidas possíveis, sempre com a certeza de depois podermos voltar ao próprio ninho. No processo, vamos entendendo que fazemos parte de uma grande família, que inclui gente que nem conhecemos, mas que celebra em conjunto a festa da palavra, capaz de criar beleza e sentido com os sons que saem da boca humana mas podem ficar guardados em livros, passados adiante para cada um de nós.

*Mãe, hoje estou meio triste. Não quero história,
quero poesia.*

Experimente e nos conte depois

A criança, desde que nasce, ainda bebê, demonstra sua alegria e satisfação quando o adulto lhe dedica atenção e afeto.

Um simples toque das mãos, um rápido olhar, a voz de alguém se aproximando são, sempre, motivos para perninhas e braços se movimentarem em uma ação, ainda descoordenada, da vontade de o bebê se comunicar com o mundo ao qual acaba de chegar e quer muito se integrar e conhecer.

Quanto mais frequente for a proximidade do adulto com o bebê, proporcionando-lhe carinho e amor, mais aumentarão as chances para a sua segurança emocional e a disponibilidade positiva de se relacionar com o mundo.

As descobertas, relativamente recentes, sobre essa fase da vida humana falam de sua enorme capacidade de recepção sobre experiências afetivas, sensoriais e motoras, nos ensinando que, além de alimentar, vestir e cuidar da saúde e da segurança desses pequeninos, indefesos e curiosos seres, eles querem muito mais de nós, adultos, nos alertando para o fato de que o tempo que pudermos dedicar a eles será pouco diante do que precisam, merecem e têm direito.

Nesse contexto, a troca de afetos com os pequerruchos ganhou um novo mediador, que, finalmente, vem chamando a atenção dos educadores brasileiros: os livros!



Elizabeth D'Angelo Serra nasceu no Rio de Janeiro, tem 64 anos e é formada em Pedagogia. Desde 1987 trabalha na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, seção brasileira do International Board on Books for Young People/IBBY. Atualmente, coordena as atividades da instituição em âmbito nacional e internacional. Do Programa Nacional de Incentivo à Leitura/PROLER, foi coordenadora executiva de 1996 a 2002 e, em 2006, membro de seu Conselho Consultivo.

Desde 2009 é presidente do Conselho Deliberativo do mesmo programa. Recebeu, em 2000, a Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura por serviços relevantes prestados ao país na área de promoção da leitura e, em 2002, a Ordem Nacional do Mérito Educativo, do Ministério da Educação.

Partilhar a leitura de livros de qualidade, com imagens grandes, que podem ser fotos ou ilustrações de pessoas, bichos, objetos e coisas que fazem parte do entorno diário, em cores ou preto & branco, é diversão na certa para o bebê – e também para o adulto, que, valorizando o momento e deixando-se levar pelas manifestações do bebê, recebe em troca a beleza da vida desabrochando e vibrando ao seu lado. Observar as reações diante da nossa voz narrando uma história (que é diferente da fala coloquial), as mãozinhas batendo nas páginas que vão sendo viradas e o girar da cabecinha nos entregando um olhar que nos diz “Como é bom estar aqui com você” é pura alegria e prazer!

E, para quem acredita na importância dos livros para a vida e na necessidade de, desde cedo, desenvolver a cultura escrita por meio deles, partilhar a leitura com bebês significa criar momentos inesquecíveis no relacionamento humano, cujas marcas nos deixam mais esperançosos e confiantes na espécie humana.

Por isso tudo – e muito mais que você vai descobrir –, recomendamos a leitura com bebês. Experimente e nos conte depois!

Ler é preciso

Um dos elementos que justificaram a criação do Instituto Ecofuturo, em 1999, está sedimentado na marca de um de seus mais ambiciosos programas: LER É PRECISO.

A leitura e o estímulo à leitura passaram a ser, então, uma de nossas principais frentes de ação, porque vemos nessa atividade um enorme poder transformador. Muitos pesquisadores da educação afirmam que o hábito da leitura melhora as capacidades de raciocínio e de criatividade, imprescindíveis no mundo em que vivemos e para o futuro, que chega cada vez mais rápido.

Os pais têm papel fundamental na “construção” desse hábito, pois contar e ler histórias já a partir dos primeiros meses de vida de uma criança contribui decisivamente para o desenvolvimento da linguagem falada e para a aprendizagem da escrita, além de estimular a curiosidade.

Este é o objetivo do “Pra que serve a literatura?”: demonstrar que a oferta de leitura literária promove aproximação entre pais e filhos, educadores e educandos, entre a criança e o cidadão planetário que se tornará – conectado, sensível e hábil para atuar em favor de um mundo cuidadoso com todas as vidas.

— Daniel Feffer
Presidente

A crença de que esse é o caminho

Um caminho para difundir a leitura está sendo construído pelo Instituto Ecofuturo. Seus objetivos são movidos pela persistência e pela força de uma boa ideia e por certo serão alcançados.

Por partilhar da certeza de que a retomada da cultura de valorização da leitura e da escrita constitui a pedra fundamental no alicerce da educação, é com satisfação que associamos o nome do Banco Safra aos projetos do Ecofuturo. Esperamos que nossa participação contribua para motivar o engajamento de pais, educadores, governos, empresários – enfim, de toda a sociedade. Nossa certeza é a de que a construção do Brasil do futuro passa, necessariamente, pela aprendizagem e difusão do conhecimento por meio da leitura, aliada à disseminação de práticas sustentáveis.

— Banco Safra

Pra que serve a biblioteca?

Falamos de literatura. E aqui abrimos uma brechinha para falar de biblioteca, que é a “casa dos livros”, mas também a “casa do leitor”, como bem nos anunciou a Casa del Lector, inaugurada este ano em Madri, Espanha, onde é possível fazer empréstimos de acervo digital.

Porque a biblioteca é o lugar de empréstimos gratuitos de livros e atendimento humano especializado para construir nossa trajetória como leitores, lançamos na primavera de 2012 a campanha Eu Quero Minha Biblioteca, uma ação nacional de cooperação para contribuir para a efetividade da Lei 12.244/10. A lei determina que todas as instituições de ensino do Brasil, públicas e privadas, tenham biblioteca até 2020. A campanha é uma iniciativa do Instituto Ecofuturo em cooperação com organizações não governamentais comprometidas com educação, leitura, biblioteca e literatura: **Academia Brasileira de Letras, Conselho Federal de Biblioteconomia, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Instituto Ayrton Senna, Instituto C&A, Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação (ICE), Movimento por um Brasil Literário, Rede Marista de Solidariedade e Todos pela Educação.**

Também conta com o apoio em divulgação da **Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT)**, com a distribuição de entrevistas sobre a campanha para 2.800 rádios e **Associação Nacional de Jornais (ANJ)**, com envio periódico de informações para 49 jornais do programa Jornal e Educação.

Informar a existência da lei e como acessar recursos federais existentes para a educação que podem ser utilizados para a criação e manutenção de bibliotecas em escolas públicas é o eixo central da campanha. Está tudo disponível para acesso gratuito no site <http://www.euquerominhabiblioteca.org.br>.

Você pode e deve fazer parte dessa rede nacional pela efetividade desse direito! Acesse o site da campanha e nos acompanhe em mídias sociais.

www.ecofuturo.org.br



InstitutoEcofuturo



@eco_futuro

Capa impressa em Papel Supremo Duo-design 250g/m² e miolo impresso em Papel Polen 90g/m², da Suzano Papel e Celulose

PARCEIROS INSTITUCIONAIS



Koury Lopes Advogados

EXECUÇÃO



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

